Condicionamento político na publicação das literaturas de língua portuguesa na Polónia, nos anos de 1945-1989

Political conditioning in the publication of Portuguese language literatures in Poland in the years 1945-1989

Wojciech Charchalis¹

Resumo: O artigo apresenta um breve panorama da literatura de língua portuguesa na Polónia durante o período comunista do país, assim como expõe os condicionamentos do mercado editorial daquele período. O artigo sustenta que o partido comunista no poder influía na escolha dos títulos e dos autores a publicar, tendo em conta os acontecimentos políticos em Portugal e no seu ultramar (depois PALOP) e no Brasil.

Palavras-Chaves: Literaturas de língua portuguesa; lusofonia; comunismo; Polónia.

Abstract: The article presents a brief overview of the literature of the Portuguese language in Poland during the communist period, as well as exposes the conditions of the publishing market of that period. The thesis of the text is that it was the policy of the governing communist party that influenced the choices of titles and authors to publish in light of political events in Portugal and its overseas territories in Africa (later PALOP) and in Brazil.

Keywords: Portuguese language literatures; Lusophony; communism; Poland.

¹ Universidade Adam Mickiewicz, Poznań, Polónia.

Pode-se dizer que Polónia e Portugal ficam nas margens opostas da Europa, marcando as suas periferias. Não surpreende, portanto, que os contactos entre estes dois países ao longo dos tempos tenham sido sempre modestos e que os dois países surjam como exóticos, um em relação ao outro. A troca de trigo por vinho na Idade Média, quando a viagem do mar Báltico a Lisboa se realizava num ciclo anual, a participação do exército polaco na Guerra Miguelista, ao lado dos liberais, os contactos ocasionais com cientistas ou as viagens da elite — por exemplo, de Józef Piłsudski à Madeira, nos anos 30 do século xx —, assim como os casos esporádicos de acolhimento de refugiados no seguimento de vários conflitos armados na Europa Central, constituem praticamente a totalidade dos contactos luso--polacos, antes de 1974. No que diz respeito à presença da literatura polaca em Portugal e da literatura portuguesa na Polónia, a situação não é diferente. Podemos dizer que os anos de 1974, por um lado, e de 1989, por outro, enquanto anos da queda dos regimes ditatoriais nestes dois países, são marcos no intercâmbio de obras literárias e do mútuo conhecimento. No entanto, segundo a perspetiva polaca, certamente que a data mais importante, não só ao nível do mercado editorial, é o ano de 1945.

Antes de 1945 quase não se pode falar de uma presença da literatura de língua portuguesa na Polónia ou, em geral, de conhecimento da cultura portuguesa. Apesar de haver notícias

sobre a política portuguesa já desde o início da imprensa em língua polaca, estas eram raras. No século xvIII, por exemplo, no *Monitor Polski*, publicavam-se pasquins sobre o Marquês de Pombal; nos anos 30 do século xx, durante a onda dos fascismos nascentes na Europa incluindo o português e o polaco, não tendo este último a oportunidade de se desenvolver plenamente — publicou-se na Polónia uma biografia de Salazar (Ferro, 1936). Além deste livro, o catálogo da Biblioteca Nacional de Varsóvia contém dois romances de autores de língua portuguesa publicados no período compreendido entre 1900 e 1939 (Corrêa 1929, Alencar 1930); curiosamente, ambos são publicados em Curitiba, sendo que no primeiro se informa que o livro foi traduzido «da língua brasileira». No entanto, podemos dizer que estes livros, no fundo, são um detalhe de pouca importância; não obstante, vale a pena notar que antes de 1945 surgiram na Polónia duas traduções d'Os Lusíadas, de Luiz Vaz de Camões, uma do século xvIII, da autoria de Jacek Idzi Przybylski, e outra de 1890, da autoria de Zofia Trzeszczkowska, uma tradutora famosa que assinava os seus textos sob o pseudónimo de Adam M-ski. Seja como for, a partir daqui pouco há que valha a pena mencionar sobre a literatura de língua portuguesa na Polónia antes de 1945, mesmo estando ciente de que uma investigação aprofundada deste período, no que se refere às traduções do português, poderia trazer algumas surpresas; de qualquer forma, estas não seriam numerosas. É um facto que a literatura de língua portuguesa surge na Polónia antes de 1945 de forma acidental e esporádica, sendo praticamente ausente e tendo uma significância mínima na cultura polaca.

Por que razão é justamente o ano de 1945 o marco mais importante em muitos e variados aspetos, incluindo o da publicação de literatura portuguesa na Polónia, mesmo que neste ano não se tenha publicado nenhuma tradução literária de língua portuguesa, nem se tenha dedicado uma única linha na imprensa polaca a Portugal ou ao Brasil? Eis que é este o ano do fim da Segunda Guerra Mundial, a qual terá sido, provavelmente, o acontecimento mais importante em toda a história da Polónia. A destruição quase total do país, a perda de uma parte substancial do território, a morte de aproximadamente seis milhões de cidadãos, a mutilação psíquica e moral que a nação sofre até hoje culminaram numa guerra civil, entre 1945-1947, instigada pela União Soviética com o propósito de subjugação do país ao poder soviético. O novo poder que surgiu depois da «libertação» nos anos de 1944-1945, a destruição da ordem social antiga e a introdução do governo comunista e das regras do governo estalinista encontraram o seu fim no ano de 1947, após a conquista total do poder. Os anos de 1947-1956 marcaram o período do terror estalinista, que acabou com o levantamento de Poznan, em 1956. Deste ano até ao de 1989 durou o período de normalização da vida no

âmbito da ditadura comunista, tendo sido, no entanto, relativamente calmo. Depois de 1989 e até aos dias de hoje, a Polónia é um país mais ou menos liberal, onde o mercado do livro, antes governado de forma central, a partir dos gabinetes do POUP (Partido Operário Unificado Polaco), foi liberado e voltou a governar-se pelas suas próprias leis.

Por isso, o ano de 1945 é um marco importante, já que assinala o começo do longo período da Polónia enquanto país comunista que se governava pelas suas próprias leis, ao mesmo tempo fazendo com que tudo — desde a produção até ao descanso das pessoas, a religião, o desporto ou a literatura — tivesse o seu significado e papel político. A politização das massas postulada por Bakunin como condição do triunfo da revolução comunista tomou uma forma exagerada ou até mesmo grotesca nos países da denominada democracia popular.

Escrevi acima que o Comité Central da POUP, nas suas atividades dependentes das decisões tomadas no Kremlin, nos gabinetes do PCUS (Partido Comunista da União Soviética), se ocupava da engenharia da cultura, incluindo a gestão do mercado editorial. Assim foi na realidade. A dopagem dos atletas da RDA ou a corrida pelo primeiro lugar na ida à Lua decorrem desta filosofia, assim como a presença ou a ausência de um ou outro autor no mercado. Era nos gabinetes do partido que se decidia que livros podiam ser publicados, em que editoras e com que tiragem. Se as obras

deviam ter uma tiragem reduzida (hoje em dia, bastante razoável) de 10 mil exemplares — na altura, esta era a tiragem mais baixa — ou se tinham uma tiragem gigantesca de 200-300 mil exemplares. Se a obra era publicada na editora destinada à elite intelectual, ou seja, na Ossolineum ou na Wydawnictwo Literackie, ou ainda na PIW, que ficava um pouquinho mais abaixo na hierarquia, ou então na Czytelnik, que publicava para um público mais vasto, ou talvez na Książka i Wiedza ou na Iskry, que eram editoras proletárias e publicavam edições baratas e com grandes tiragens. É preciso sublinhar que todas estas editoras eram propriedade do Estado e, por conseguinte, todas elas estavam subjugadas à sua linha política oficial, sem lugar a exceções.

Quanto às revistas literárias para a elite, a situação era igual: Twórczość, Poezja e, a partir da década de 70, Literatura na Świecie tinham tiragens reduzidas. No entanto, as formas curtas — poemas, contos — surgiam também nos jornais diários, que chegavam a um público de centenas de milhares de pessoas, tais como, por exemplo, o Nowiny Rzeszowskie ou o Głos Szczeciński, gue eram uns diários de província, mas também no Trybuna Ludu, o jornal central do POUP. Todas estas variáveis eram o resultado dos propósitos e das convicções dos secretários do partido relativamente à utilidade desta literatura para a politização das massas e para a engenharia social.

Esta introdução um pouco comprida e heterogénea visa demonstrar ao leitor que, antes de 1989, praticamente todas as obras de língua portuguesa publicadas na Polónia, tanto romances, como tomos de poesia, e até cada um dos poemas publicados na imprensa literária ou até nos diários, tinham um significado político que decorria da política interna do país, com frequência resultante dos acontecimentos políticos no Brasil, em Portugal ou nos seus territórios ultramarinos. Existem, no entanto, alguns pequenos desvios na década de 80, que podem ser vistos como a exceção à regra, como é o caso da revista literária Literatura na Świecie, que tinha o propósito de apresentar as novidades das literaturas de diferentes países e línguas. No entanto, devemos ter sempre em mente (como os editores daqueles tempos) a influência da censura, a qual dava preferência aos textos sobre o sofrimento do campesinato, a opressão capitalista ou as obras anticlericais — mas não exageradamente anticlericais, para não estragar o compromisso que o governo comunista tinha com a poderosa Igreja Católica.

Os secretários e os censores observavam de perto tudo o que acontecia no Brasil, em Portugal e nas suas colónias — e, de acordo com estes acontecimentos, favoreciam esta ou outra literatura ou impediam a sua publicação como sendo inútil ou até politicamente nociva.

Tendo apresentado o esquema de funcionamento do mercado editorial na Polónia, no período de 1945-1989, passamos a apresentar as obras literárias concretas publicadas em cada década deste período. Os anos 40 correspondem ao período da ocupação alemã e soviética, anterior ao ano de 1945, após o qual chega o tempo pesado do pós-guerra, da reconstrução do país. Não surpreende, portanto, que a atividade editorial neste período da revolução social, da guerra civil e, ao mesmo tempo, de uma vida quotidiana pesada e a lamber as feridas, não seja imponente. Só a conquista definitiva do poder pelos comunistas, em 1947, permitiu pôr em prática o esquema de funcionamento das editoras anteriormente descrito e o uso das casas editoriais na construção do futuro glorioso do comunismo.

Como a literatura portuguesa daquele período não podia ser útil aos comunistas, não é de admirar que as primeiras obras da literatura portuguesa na Polónia não aparecessem antes de 1950. A situação é um pouco diferente no caso da literatura do modernismo brasileiro, cujos temas da pobreza e da luta contra ela, do desejo de igualdade, da opressão dos pobres e dos negros, da formação e do amadurecimento do espírito comunista, trazem à memória as obras locais do realismo social. A sua atratividade para o leitor ultrapassava a das obras locais, graças ao seu exotismo e à possibilidade de escapismo que proporcionavam. É muito agradável ler histórias sobre gente que se esforça para conseguir uma vida

melhor através da introdução do comunismo no Brasil cheio de sol, sobre gente que cultiva a cana-de-açúcar ou o cacau, que come frutos tropicais ao som do canto de pássaros paradisíacos, que tem medo de jiboias ou de crocodilos, e não sobre camponeses tristes, que colhem batatas e nabos no meio do lodo congelado e cinzento, que comem batatas com couves e têm pepinos de acompanhamento para a aguardente. Além disso, o Brasil estava a viver o período da ditadura, o povo clamava pela liberdade e os polacos já a tinham alcançado, encontrando-se a construir um mundo novo, admirável e melhor; a Polónia era melhor do que esse Brasil exótico, belo, aromático e cheio de sol — era um paraíso para o povo brasileiro. Por um lado, as obras brasileiras, graças à sua atratividade, vendiam melhor a ideia comunista, por outro lado, eram elas que podiam melhorar o humor do leitor e, por conseguinte, vender a ideia comunista da melhor forma. Não surpreende, portanto, que a censura favorecesse estes textos.

Assim, já no ano de 1948, surgiram nos jornais populares *Głos Ludu* e *Kuźnia* fragmentos de prosa de Jorge Amado e o diário *Dziennik Polski* publicou a sua palestra no Congresso de Intelectuais de Wrocław, intitulada «Petróleo e sangue». Aproveitando-se da situação, já no ano seguinte a editora Czytelnik publicou os seus três romances: *Terras do sem-fim (Ziemia krwi i przemocy)*, *Vida de Luís Carlos Prestes. O cavaleiro da esperança (*Życie Luisa Carlosa Prestesa), *Suor e cacau* (Świt Brazylii). Na im-

prensa, surgiram também fragmentos do livro Cacau, publicado na íntegra só no ano 1956; Terras do sem-fim (Ziemia krwi i przemocy) aparecia em secções no diário Dziennik Zachodni, um jornal que chegava às dezenas, se não às centenas de milhares de leitores. Nos anos 1950-1951, foram ainda publicados: Jubiabá, Seara vermelha (Drogi głodu), São Jorge dos *Ilhéus (Ziemia złotych płodów)* e o primeiro livro brasileiro cujo autor não era Jorge Amado, ou seja, o romance Vidas secas (Zwiędłe życie), de Graciliano Ramos. Em 1952-1953, a Czytelnik publicou mais dois romances do mestre brasileiro: Os subterrâneos da liberdade (Podziemia wolności) e a segunda edição de Terras do sem-fim (Ziemia krwi i przemocy). Entre 1954--1955, apareceram «Seara vermelha» («Drogi głodu»), assim como «O mundo da paz» («Świat pokoju») — reportagens da viagem pela União Soviética e pelos países da então denominada democracia popular. No ano de 1953, Jorge Amado escreveu especialmente para a Trybuna Ludu, portanto, para o diário principal do POUP, um artigo intitulado: «Warszawa». Em 1956-1957, ao lado de Cacau (Kakao) e de ABC de Castro Alves (Opowieści o Castro Alvesie) — pela primeira vez, publicados não pela Czytelnik, mas pela PIW —, apareceram dois romances de novos autores, ainda não conhecidos na Polónia: Afonso Schmidt, A marcha (Marsz), e Rosalina Coelho Lisboa, A seara de Caim (Kainowy siew), esta última publicada pela PAX, uma editora nova que

pertencia ao Clube de Intelectuais Católicos, concessionado pelo poder comunista.

O ano de 1957 foi o último ano do domínio brasileiro, no que diz respeito à literatura de língua portuguesa. Vou acrescentar ainda que em 1959 apareceu Dom Casmurro, de Machado de Assis, mas isto não muda o facto de, em 1957, ter começado um hiato de vários anos na publicação de literatura brasileira na Polónia. É muito provável que o aparecimento do PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde) e do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), em 1956, acerca dos quais noticiavam as agências internacionais, tenha feito com que o comité central do POUM desse um novo ânimo à «frente portuguesa», já que o aparecimento destes dois movimentos fazia supor uma maior atividade revolucionária em Portugal. Penso também que a fórmula de apresentar o Brasil ao leitor polaco através das obras e dos artigos de um só escritor tinha chegado ao fim. Prova disto é, por exemplo, o facto de terem começado a aparecer escritores novos, diversificando, desta maneira, a oferta de literatura brasileira.

As primeiras obras da literatura portuguesa apareceram na Polónia em 1950, ou seja, depois das famosas eleições de 1949 e da desistência do candidato general Norton de Matos, depois da reentrada do PCP (Partido Comunista Português) no Comintern, em 1947, e depois da deslegalização do MUD (Movimento

de Unidade Democrática) nesse mesmo ano. O fortalecimento da oposição em Portugal, cuja única força real era, nesta altura, o PCP, o enfraquecimento do regime salazarista, que se manifestava na necessidade de jogos constantes na ONU, a demonstração de aparências de democracia, a mudança de leis sobre as colónias, levaram o comité central da PCUS, em conjunto com os seus partidos satélites, a interessar-se por Portugal — prevendo uma revolução neste país, o que exigia uma preparação para a «ajuda fraterna à nação irmã» e, por conseguinte, uma preparação da nação polaca para esta ajuda. Já agora, a doutrina de guerra da União Soviética em caso do conflito global, considerava, na primeira fase, a tomada dos estreitos dinamarqueses e do estreito de Gibraltar para permitir a saída das frotas do Mar Negro e do Mar Báltico para o oceano. A Dinamarca seria atacada pelo exército polaco e Gibraltar pela «quinta coluna» do Alentejo por isso, a quantidade de espiões soviéticos na região do Alentejo vermelho foi a maior do mundo até à queda da União Soviética.² Não surpreende, portanto, o interesse dos países comunistas por Portugal e o desenvolvimento dos Estudos Portugueses na União Soviética e, por conseguinte, nos seus países satélites.

Os primeiros textos apareceram entre 1950 e 1951. Trata-se dos romances de José Maria Ferreira de Castro, *Emigrantes (Emigranci)*, do clássico e ao mesmo tempo anticlerical Eça de Queiroz, *O crime do padre Amaro (Zbrodnia księdza Amaro*), de Soeiro Pereira Gomes, *Esteiros* (o título polaco é *Chłopcy z cegielni*, ou seja, *Rapazes da olaria*), cujo título parece indicar um romance de realismo social. Este último autor era comunista e o livro *Esteiros*, considerado a sua obra-prima, foi ilustrado por Álvaro Cunhal na sua primeira edição portuguesa — o que explica de forma definitiva a razão da sua publicação na Polónia daquela época.

Depois desta numerosa abertura houve um silêncio total até ao ano de 1956 — não se publicou nenhum livro, nem nenhum artigo de imprensa. Este período pertence decididamente a Jorge Amado, um escritor que lutava pelo comunismo, membro do PCB (Partido Comunista Brasileiro), expulso do país e depois de Paris, onde residiu entre 1948-1951 (antes, foi também exilado na Argentina e no Uruguai), para viver na Checoslováquia, entre 1951-1952. Vale a pena notar que o surgimento do MPLA e do PAIGC, em 1956, reavivou as esperanças do Kremlin de uma revolução nas terras coloniais portuguesas. Na Polónia, surgem, assim, os livros de Soeiro

² Soube disso numa conversa privada com o ex-chefe da BBN RP (Escritório da Segurança Nacional da República Polaca), organização de conselho do Presidente da Polónia, um general de informação militar formado

em Moscovo, portanto, sem dúvida uma pessoa competente neste assunto.

Pereira Gomes, *Engrenagem*, em 1957, de Alexander Cabral, *Terra quente* (*Gorąca ziemia*), em 1959, e as *Cartas de amor de uma religiosa portuguesa* (*Listy Mariany Alcoforado*), na tradução do poeta eminente Stanisław Przybyszewski — tradução a partir da língua francesa.

Os anos 1960-1971 marcam uma ausência total da literatura portuguesa no mercado. Não aparece nem um livro. Somente na imprensa aparecem, de vez em quando, informações como a nota na *Trybuna Ludu* sobre a dissolução da Associação Portuguesa de Escritores ou sobre a morte de Alves Redol. Apenas em 1971 apareceram na *Literatura na Świecie* (uma revista nova sobre literaturas estrangeiras) algumas poesias de poetas revolucionários portugueses: Carlos Papiniano, Miguel Torga, Joaquim Namorado — certamente que a morte de Salazar teve algo que ver com esta publicação.

No entanto, mais importante parece ser o facto de que em 1967, no semanário Życie Literackie, apareceram as primeiras traduções de Fernando Pessoa: «Dom Sebastião, Rei de Portugal», «Grandes são os desertos» e «O pastor amoroso», na tradução de Witold Wirpsza.

O ano de 1961 assinala o começo de luta armada em Angola. Será, então, uma coincidência que o comité central do POUP tenha deixado de lado a literatura portuguesa para se concentrar nos escritores militantes afri-

canos? Não me parece. Entre 1960 e 1961, em vários jornais, de toda a Polónia, apareceram poemas de Mário de Andrade, Alda Espírito Santo, Agostinho Neto e Francisco José Tenreiro. Nos anos 1962-1963 juntam-se a eles Viriato da Cruz, publicado na antologia *Poesia*s da África negra (Poezje czarnej Afryki), em 1964, Noémia de Sousa e Jacinto António. As publicações são cada vez mais frequentes e numerosas. Até ao ano de 1975, na imprensa polaca, foram publicadas obras dos autores mais importantes que lutavam pela liberdade na África portuguesa; além dos acima indicados, eram estes: Malangatana, Costa de Andrade, José Craveirinha, Rui Nogar, Ovídio Martins, Virgílio de Lemos, Onésimo Silveira, Luandino Vieira, Jorge Barbosa, Manuel Lopes, Baltasar Lopes, sob o pseudónimo de Osvaldo Alcântara, Guilherme de Mello, Virgílio Massingue, Arnaldo Santos, António Cardoso. Esta situação durou até ao final da década. No total, por exemplo, no ano de 1978, temos 18 artigos na PBL (Bibliografia Literária Polaca), o que no caso da literatura de língua portuguesa é um número gigantesco. Isto significa que não só se publicam os textos dos autores africanos, mas também se escreve sobre eles. Também em 1978, um ano depois da eliminação total da «contrarrevolução» em Angola, foi publicado o primeiro livro da África portuguesa em tradução para o polaco, tratando-se de uma antologia da poesia de Agostinho Neto, intitulada As palmeiras da esperança (Palmy nadziei), na tradução de Ireneusz Kania, pela casa editorial PIW. Nos anos 80, observamos já uma calmaria quanto à literatura da África portua guesa, o seu redescobrimento acontecerá só 30 anos depois.

Entretanto, em 1972, foi fundado o primeiro estabelecimento na Polónia dedicado à investigação das línguas e culturas ibéricas. Trata-se da Cátedra de Iberística da Universidade de Varsóvia (atualmente, Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos), dentro da qual existia um núcleo de cultura e literatura portuguesa, transformado depois, em 1978, no Departamento de Estudos Portugueses, o primeiro na Polónia. Sem dúvida, o surgimento desta entidade na primeira metade da década de 70, tão importante para o mundo luso, não é casual. A revolução iminente, assim como os contactos implicados por ela exigiam quadros lusofalantes, o que depois deu resultados na construção das sociedades de Moçambique e, sobretudo, de Angola.

Em 1972, surge uma intensa atividade editorial graças, antes de mais, aos esforços da incansável lusitanista e organizadora dos Estudos Portugueses na Polónia, a senhora professora Janina Klave. Foi ela que fervorosamente escreveu e traduziu dezenas de textos, que a partir daquele ano dominaram o mercado até meados dos anos 90. Escreveu também uma *História da literatura portuguesa* (Klawe, 1985), até hoje o único manual académico que apresenta a totalidade da literatura portuguesa.

Podemos, portanto, dizer que a partir de 1972 há um intento de apresentação da totalidade da cultura e da literatura de língua portuguesa. Traduzem-se as crónicas clássicas, aparecem livros monográficos de autores polacos, tais como *Conquistadores portugueses* (Małowist, 1976) ou *História do Brasil* (Kula, 1987).

Um elemento importante, que teve a sua influência na popularidade de literaturas de língua portuguesa na Polónia, foi o «boom» latino-americano, cuja onda tardia chegou à Polónia nos anos 70. Os representantes do «boom» foram uma dádiva de Deus para os governantes dos países comunistas, porque esses autores, para além de escreverem bons livros, quase todos eram abertamente homens e até ativistas de esquerda ou mesmo comunistas. Julio Cortázar, Mario Vargas Llosa, Gabriel García Márquez, os representantes mais importantes da literatura latino--americana, recebiam permissão para a publicação dos seus livros na Polónia, sem qualquer problema. Os censores, no entanto, não compreendiam que estes livros eram muitas vezes lidos de forma oposta pelo leitor polaco, quer dizer, a crítica da ditadura era a crítica de ditadura e não tinha importância se se tratava da ditadura dos coronéis ou generais na América Latina ou da ditadura do proletariado local.

No âmbito da popularidade desta literatura — a Polónia teve, a dada altura, o maior número de traduções de literatura latino-americana, logo após a Alemanha —, procurou-se também

boa literatura brasileira. Na série literária formada especificamente por causa do «boom» pela casa editorial Wydawnictwo Literackie, entre 1972 e 1989, apareceram dois tomos de contos brasileiros: Darcy Ribeiro, Maria, Mário de Andrade, Macunaima, e outra vez Jorge Amado, Nélida Piñon, Fundador (Założyciel), Graciliano Ramos, Fazenda São Bernardo, Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas (Wspomnienia pośmiertne Brasa Cubas), Quincas Borba, Espelho e outros contos (Lustro i inne opowiadania). No total, na dita série foram publicados 11 livros brasileiros. E vale a pena mencionar que estes livros, publicados com tiragens de 10 mil exemplares, chegavam a custar muito dinheiro no mercado negro e eram extremadamente populares.

Esta popularidade fez com que a Wydawnictwo Literackie decidisse preparar mais uma série, desta vez de literaturas ibéricas, com o intuito de publicar os romances mais representativos tanto de Espanha, como de Portugal, não só clássicos, mas também contemporâneos. No total, até 1989, quando a série chegou ao fim, foram publicados 24 títulos, 12 para cada uma das literaturas. A parte portuguesa da série continha a prosa de neorrealistas portugueses, tais como: Fernando Namora, com dois títulos, Domingo à tarde (W niedziele po południu) e O homem disfarçado (Człowiek w masce), Aquilino Ribeiro e os seus A casa grande de Romarigães (Dwór w Romarigães) e Quando os lobos uivam (Kiedy wilki wyją), Eça de Queiroz, com Os Maias (Ród Maia) e O primo

Basílio (Kuzyn Bazyli), Urbano Tavares Rodriguez, Imitação da felicidade (Imitacja szczęścia), Miguel Torga, Novos contos da montanha (Nowe opowiadania z gór), Antologia de contos portugueses XIX e XX, Alves Redol, Barranco de cegos (Otchłań ślepców), Manuel da Fonseca, Seara de vento (Posiew wichru), Vergílio Ferreira, Aparição (Objawienie).

Evidentemente, além destas duas séries, apareceram também livros fora de séries, mas eram casos raros e sem grande influência nos leitores, incomparáveis com os livros das ditas séries, mas temos de admitir que, das duas, o impacto da série latino-americana foi, sem dúvida, maior — esta foi, talvez, a série mais popular de todas as que foram publicadas na Polónia. Cabe também mencionar que, em 1983, publicou-se na Polónia o primeiro romance da África portuguesa, tratando-se de *Terra morta*, de Castro Soromenho, mas passou praticamente despercebido.

Os anos 70 são, portanto, o período de desenvolvimento dos Estudos Ibéricos polacos, uma época de um curso intensivo de aprendizagem e conhecimento de culturas e literaturas ibéricas, debaixo do olhar atento dos políticos e dos censores, peritos na engenharia social. Os anos 80 — por razões políticas internas, seguidas por uma crise económica aguda — apresentam já uma certa estagnação. E assim, devorando os livros do «boom» latino-americano, chegámos a 1989, o ano da queda da ditadura comunista, li-

berando — entre muitas outras coisas — os gostos literários do público, criando a possibilidade de publicação ilimitada de tudo o que passava pela cabeça dos editores. Mas isto é uma história completamente diferente.

Bibliografia

Impressa

Alencar, J.M. de (1930). Wojna domokrążców: Brazylijski romans historyczny z epoki kolonialnej. (Trad. de Władysław Wójcik). «Polska Prawda w Brazylji». Kurytyba;

Corr**ê**a, V. (1929). *Balajada: powieść historyczna na tle rewolucyj kaboklerskich minionego stulecia*. (Trad. de Władysław Wójcik). «Polska Prawda w Brazylji». Kurytyba;

Ferro, A. (1936). *Dyktator współczesnej Portugalji Salazar*. (Trad. de Edward Boyé). Instytut Wydawniczy Bibljoteka polska. Warszawa;

Klave, J. (1985). *Historia literatury portugalskiej*. Ossolineum. Wrocław;

Kula, M. (1987). *Historia Brazylii*. Ossolineum. Wrocław;

Małowist, M. (1976). *Konkwistadorzy portugalscy*. PIW. Warszawa;

Milewska, E. (1991). *Relações culturais e literárias luso-polacas nos séculos* XVI-XIX. CESLA, Warszawa;

Polska Bibliografia literacka. Instytut Badań Literackich PAN. Poznań;

Rymwid-Mickiewicz, I. (1987). *Bibliografia* przekładów literatury hispanoamerykańskiej wydanych w Polsce w latach 1945-1984. Wyd. Uniwersytetu Warszawskiego. Warszawa;

Stradecki, J. (1975). *Dokumentacja bibliogra-ficzna 1918-1944*. Wiedza Powszechna. Warszawa;

VV. AA. (1976). *Bibliografia literatury tłumaczonej na język polski 1945-1976*. Czytelnik. Warszawa.

Digital

Biblioteca Nacional de Varsóvia. Acedido em 3 de janeiro de 2019, em: https://www.bn.org.pl/.